



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Publicidade e Propaganda
Professor Orientador: Selma Regina Nunes Oliveira

A cidade e o chamado: Um estudo sobre imaginário de Gotham e do Morcego.

Mariana Santiago de Oliveira

Brasília – DF, Maio 2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Publicidade e Propaganda
Professor Orientador: Selma Regina Nunes Oliveira

A cidade e o chamado: Um estudo sobre imaginário de Gotham e do morcego.

Mariana Santiago de Oliveira

Monografia apresentada ao Curso de Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Brasília – DF, Maio 2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Publicidade e Propaganda
Professor Orientador: Selma Regina Nunes Oliveira

Membros da Banca examinadora:

1. Professor: Selma Regina N. Oliveira
2. Professor: Wagner Rizzo
3. Professor: Verônica Brandão
4. Professor Suplente: Gustavo de Castro

Resumo

Este trabalho tem como finalidade explorar a formação mitológica do personagem Batman, explorando a parte inicial de sua jornada, o chamado à aventura. Para tal foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa tendo como base quadrinhos publicados a partir dos anos 80 e uma relação de filmes produzidos nos últimos 50 anos, além de uma revisão bibliográfica para embasar a argumentação. Ao final de toda a problematização, iniciada por questionamentos sobre a origem e vida plena de Bruce Wayne, fica claro como o Batman constrói sua personalidade de herói através do ato de predestinação Gotham, a própria cidade onde vive, mas, que nesse momento se configura não somente como local habitacional, mas entidade, deusa-mãe.

Palavras chaves: Comunicação. Batman. Gotham. Medo. Jornada do Herói. Mito.

Sumário

Introdução	1
Parte 1	
Santo “porquês”, Batman!	4
Heróis? Mas isso não é coisa de criança?	7
Então...	8
Parte 2	
O <i>Bat-man</i> de Bob Kane	10
- Batman: O Cavaleiro das Trevas, parte 1 e 2	14
- Batman: Ano Um	16
- <i>Adam West... Tim, Joel e Chris</i>	17
Família Wayne, Morte Wayne.	27
<i>I'm Batman</i>	30
Parte 3	
Gotham, “The City”.	34
- A cidade	34
- A entidade	36
- O deus, o morcego e o chamado	37
Batman, enfim.	44
Referências	45

Introdução

Uma sombra caiu sobre mim, vinda do alto. Asas tremularam, próximas e quase silenciosas. [...] Ele ergueu-se no espaço, asas estendidas, e então caiu, mas agora na forma de uma capa tremulante envolvendo o corpo de um homem.

Ele caiu passando por mim, sua sombra deslizando pelas paredes, crescendo cada vez mais a ponto de engolir prédios inteiros, iluminado pelas nuvens abaixo.

A sombra se misturou às nuvens.

E sumiu.

Frank Miller.¹

Seria plausível dizer que o texto acima é uma descrição exagerada de uma criança criativa ou de um adulto perturbado, mas não: é apenas uma pessoa que decidiu pagar 25 *cents* por 80 páginas de histórias do Batman, quando 25 *cents* eram muito dinheiro.

Você até pode pensar que essa atitude era uma demonstração de fanatismo momentâneo, porém, observando cuidadosamente, tal ação pouco se difere da admiração histórica dos cidadãos gregos por seus deuses e heróis. Na verdade, em assunto de mitologia, estamos todos no mesmo barco, até porque, de acordo com Joseph Campbell, não existem muitos pré-requisitos para determinar alguém enquanto herói. O autor diz que:

O herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações dessas pessoas vêm diretamente das fontes primárias da vida e do pensamento humanos.

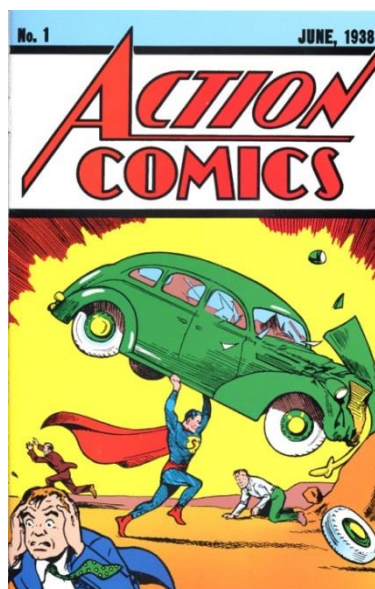
(CAMPBELL, 1997, p. 28.)

É possível questionar aonde, atualmente, nos deparamos com Hércules ou Apolo, mas é provável que a resposta esperada não esteja tão explícita. Você não encontrará um homem com toga branca lutando contra um robô-leão. Quem sabe, a imagem de um ser vestido de azul e com capa vermelha segurando um carro soe mais familiar.

¹ MILLER, Frank. **Uma Sombra Caiu Sobre Mim**. *Batman: Ano Um*; Nova York, 1988.



LIEBIG. Le lion de Nemée; 1927



Capa de Superman nº1; 1938.

Pode não ser algo aparente, contudo as histórias são as mesmas: Indivíduos com poderes sobre-humanos dotados de virtudes que os destacam da sociedade, pois seu destino não é realmente pertencer a ela. Pelo contrário, sua existência cabe unicamente ao destino, ao caminho que seguirá por toda a vida, entrelaçando momentos de vitórias com profundas tragédias e uma série de sacrifícios.

É esse caminho de transformação que estudiosos como Campbell (1992) nomeiam como a *Jornada do Herói*. Através dessa teoria é possível mapear todo o desenvolvimento de um personagem, seja sua história iniciada com “era uma vez” ou ilustrada em histórias em quadrinhos, também conhecidas, de acordo com Will Eisner (1985), como arte sequencial. Diz o autor:

Em sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a “gramática” da Arte Sequencial.

(EISNER, 1985, p. 7.)

Mesmo deixando de lado os estudos empíricos, podemos perceber a maneira como os seres magníficos se posicionam na sociedade. Quanto a sua inserção no mundo no formato de lendas, que mais tarde ganharam espaço nas camisetas das lojas, um seriado de TV ou filme temático, semelhante ao que aconteceu com Batman.

Na verdade, foi a transformação do Cavaleiro das Trevas que nos trouxe aqui: o anseio por saber como ele consegue, sem poderes, órfão, socialmente desajustado e humanamente sombrio, ser um dos mais divinos heróis modernos. Afinal, Batman – visualmente - não se enquadra nos atuais protetores do universo, muito menos nos culturais semideuses dos vasos de cerâmica. Ele é soturno, disciplinado, incólume, vingativo; mas ainda assim, de acordo com Martins Feijó (1984), um mito.

O mito corresponde às crenças de um povo, do conjunto, da comunidade, da coletividade. Por isso, ele se torna a “verdade” desse povo. Não é a verdade comprovada em laboratório, mas a verdade de uma mentalidade coletiva.

(FEIJÓ, 1984, p.13.)

Todavia, mesmo no século XXI, não estamos tão distantes de Homero². E é possível que, utilizando os velhos formatos mitológicos de narrativas de aventuras heroicas, encontremos respostas para questionamentos que nunca ouvimos antes ou para afirmações que fizemos a vida toda. De qualquer forma, esse trabalho não procura desconstruir qualquer imaginário social sobre Batman, mas fortificá-lo alinhadamente ao conceito explanado por Bronislaw Backzo (1985):

Trata-se, sim, de um aspecto da vida social, da actividade global dos agentes sociais, cujas particularidades se manifestam na diversidade dos seus produtos. Os imaginários sociais constituem outros tantos pontos de referencia no vasto sistema simbólico que qualquer colectividade produz e através da qual, como disse Mauss, ela se percepção, divide e elabora os seus próprios objectivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma colectividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc.

(BACKZO, 1985, p.14.)

Logo, finalizada a reflexão, você ainda observará o Homem Morcego, com olhar vidrado e coração palpitante, saltando de um prédio para outro, lutando contra bandidos, enquanto perde o jantar com o amor da sua vida.

² Um poeta da Grécia antiga a quem se atribui a autoria da Ilíada e Odisseia, famosas histórias dos heróis Aquiles e Ulisses.

Parte 1

Santo “porquês”, Batman!

Toda a problematização desse trabalho foi desenvolvida através de perguntas dando origem a outras perguntas. Alguns “porquês” logo eram compreendidos e já promoviam novas inquietações, múltiplos caminhos para um único objetivo: explicar o Batman.

A primeira pergunta surgiu de comentários desconexos os quais eu já ouvira algumas dezenas de vezes, vindos de amigos ou pronunciados em fóruns³ de jogos. Esta era fato tão banalizado que as pessoas não pareciam problematizá-la, quando ,na verdade, tal inferência tornou-se base de todos os meus questionamentos: O Bruce Wayne não existe, quem existe é o Batman.



“- Parece que você esqueceu sua máscara, Sr. Wayne.”

“- Essa é a minha máscara, Sra. Kyle.”⁴

³ Espaço na internet destinado a discussões sobre os mais variados temas, como filmes, quadrinhos, jogos e livros.

⁴ Ilustração de Stejpan Sejic. **50 Shades of Wayne**; 2014. Devianart.

Certo, já temos a afirmação, resta questionar: de onde ela veio? A partir daqui, cairemos em uma linha de raciocínio nada tortuosa que nos guiará à pergunta fundamental. Esse raciocínio pode ser desenvolvido da forma mais infantil e humilde: uma sequência devastadora de porquês.

As perguntas-chaves do estudo aqui apresentado foram:

- Por que o Bruce Wayne não existe? Ele nunca existiu?
- Mas se somente o Batman existe, de onde ele veio (dado o fato de que Bruce Wayne foi uma criança e tem uma história)? Quando ele começa a viver como personalidade plena no corpo de Bruce?
- O motivo de existir somente o Batman tem a ver com a morte dos pais de Bruce?
- São as tragédias que fazem o Batman ser o que é?
- O Batman é um herói e todos os heróis têm histórias preenchidas de tragédias. Então o Batman segue a mesma jornada que todos os outros heróis?

Nesse momento, o desenvolvimento de perguntas entra no campo de narrativa e imaginário, e é exatamente aqui que surgirão os questionamentos mais profundos que não só nos guiarão pelo estudo, mas também conseguirão responder aos anseios iniciais.

- Dentro da clássica jornada do herói o motivo do indivíduo assumir a luta e ganhar o tal título “herói” é o fato de ele ser predestinado para isso; ele foi chamado por uma entidade maior para fazer algo grande, beneficiando a sociedade com suas conquistas. Sendo assim, existe um chamado para o Batman?

Esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas [...]. A aventura pode começar como um mero erro, [...] igualmente o herói pode estar caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem.

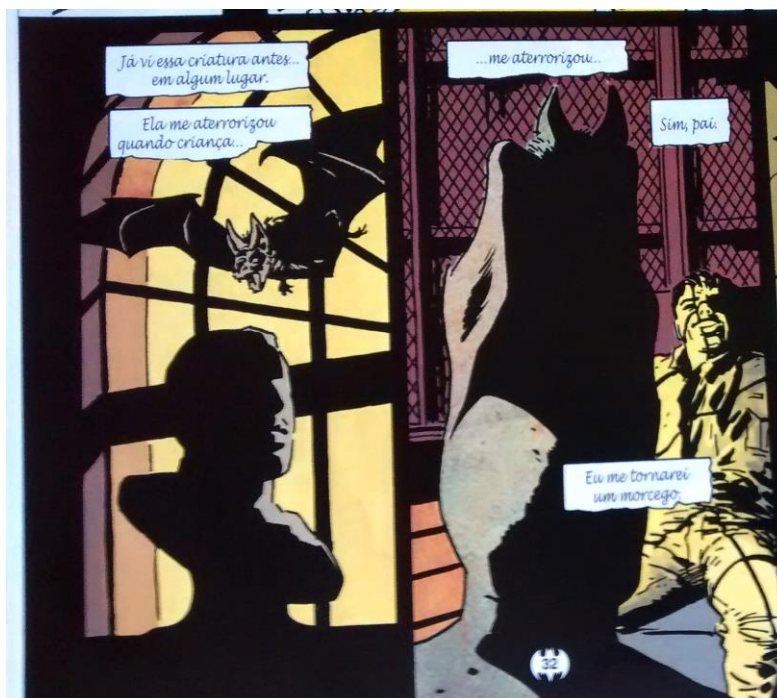
(CAMPBELL, 1997, p. 66.)

Assim, como apontado acima, o chamado à aventura é algo crucial no desenvolvimento da história do herói, é o início da sua formação mitológica. Não obstante, questionar o surgimento predestinado do Batman torna-se chave para o caminhar do projeto.

Abaixo, algumas imagens da edição Ano Um (1989), escrita por Frank Miller, que começam a corroborar com esse primeiro pensamento e nos ajudam a criar novas aflições.



Sem o menor aviso, ele surge estilhaçando a janela do seu estúdio, agora meu.⁵



Já vi essa criatura antes... em algum lugar. Ela me aterrorizou quando criança. Ela me aterrorizou... Sim, pai. Eu me tornarei um morcego.⁶

⁵ Batman: Ano Um, 1987, p 32.

⁶ Idem

Após observar a estranha relação entre a figura do morcego e a decisão do, até então Bruce Wayne, parecia-me satisfatório permanecer no último questionamento. Entretanto o que seria da vida sem os curiosos?

Para cada ação existe um motivo e, mais que isso, intencionalidade. E, assim, nasce a segunda pergunta central do trabalho:

- O chamado faz o Batman ser o que ele é, o não-Bruce Wayne, o trágico, o sombrio. Mas quem quer que ele seja tudo isso? Quem faz o chamado?

Partindo daqui seria possível desenvolver outras inúmeras questões, lançando mão da mesma metodologia de “porquês”. Entretanto, essas problematizações finais apresentadas já nos provêm muito pano para manga. E até o momento, apenas expressei dúvidas sem realmente respondê-las; então, talvez seja tempo de dar alguma explicação.

Heróis? Mas isso não é coisa de criança?

Sem dúvida, as pessoas assumem como verdadeiro o preceito de que histórias em quadrinhos não passam de um divertimento infantil, dotado de situações fantasiosas e hipotéticas. Talvez algumas publicações até sigam tal modelo, principalmente porque os quadrinhos modernos se estabeleceram como produto mediático, tomando a função de entretenimento em meio às notícias diárias. Entretanto, quem lê esses jornais? Crianças? É imaginável que os pequenos só percorressem os periódicos à procura de tirinhas, quando os pais abandonassem a tal leitura.

A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio corra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo. Mantemos ligados às imagens não exorcizadas da nossa infância, razão pela qual não nos inclinamos a fazer as passagens necessárias da nossa vida adulta.

(CAMPBELL, 1997, p.21.)

A questão aqui, bem representada por Campbell, é simples: os pequenos cresceram e não abandonaram os heróis. Na verdade, eles os

seguiram e os tornaram ícones de valores, de respeito. É possível observar toda essa transformação, desde o surgimento de um personagem até sua atual posição na mídia. Logo, compactar o pensamento de que histórias em quadrinhos mantêm seu espaço apenas como entretenimento infantil é ter uma visão muito superficial do que realmente vem acontecendo nos últimos 80 anos no cenário mediático.

Com o amadurecimento do público, os escritores sentiram-se mais livres para aprofundar os questionamentos de cada herói, imprimindo nos enredos situações ainda mais reais, expressando os conflitos e estigmas do social - sem falar dos tabus.

Em geral, os quadrinhos tornaram-se um espelho lúdico da sociedade com histórias extraordinárias, o que justifica o fato de estarem surgindo mais estudos, em diversas disciplinas, com foco nos enredos, narrativas e métodos de representações.

Problematizar as histórias em série não se tornou apenas uma pesquisa complementar por *hobbie*, mas um esboço para conhecer a fundo o imaginário social. Afinal, histórias em quadrinhos podem até ter começado com o intuito de fazer crianças rirem, mas, hoje, elas demonstram os medos, anseios e desejos de toda população, tanto infantil quanto adulta.

Então...

Nesse projeto, proponho a compreensão da estrutura de criação do Batman, redimensionando o personagem a partir de produções gráficas e audiovisuais dos anos 80. Ou seja, pratico uma análise qualitativa na área de história em quadrinhos juntamente com uma revisão bibliográfica que embasa a argumentação.

Como *corpus*, foram selecionados os próprios quadrinhos e filmes derivados dessas obras. Com a intenção de não nos perder em diversos mundos e, conseqüentemente, entrar no limbo de histórias que nem mesmo em outro planeta fariam sentido, detive-me em produções mais homogêneas⁷, ou que fossem mais conhecidas pelo público em geral.

⁷ Homogêneas = Seguem a mesma natureza criativa. Adotam os mesmos conceitos e universo.

Em obras gráficas perpassarei por edições antigas, diretamente produzidas por Bob Kane, da série *Invictus*, editora Sampa, com o objetivo de ter contato com a essência na qual o personagem foi originalmente introduzido e saber qual era seu posicionamento nos anos 1950. Sendo assim, os quadrinhos iniciais entram no trabalho como referência de origem narrativa e a título de curiosidade.

As duas outras produções gráficas que tomam parte do trabalho e tornam-se fundamentais são publicações dos anos 80 escritos por Frank Miller: *Batman Ano um* (1987) e *Batman: O Cavaleiro das Trevas (Dark Knight)* partes 1 e 2 (1986). O motivo de escolha deve-se ao fato de que manter-se dentro da roteirização de um mesmo autor torna mais fácil observar os padrões de construção da narrativa, inclusive os valores impressos nas obras.

Na área de filmografia, a pesquisa referencial foi mais ampla, sendo que as produções cinematográficas tiveram datas mais espaçadas e cada diretor tomou uma vertente estética diferente para o mesmo personagem. Importante ressaltar que tal fato não invalida a participação das obras no *corpus*, sendo que os filmes servirão como ponte para um olhar mais sociocultural. Assim, é possível dimensionar o imaginário do Batman na mente da maioria das pessoas, de modo que mesmo aquelas que nunca chegaram a ler os quadrinhos têm alguma ideia formada sobre o personagem.

Outro fato que corrobora a inclusão dos filmes no processo de discussão é a necessidade deles serem mais objetivos, selecionando os pontos mais cruciais de histórias para cativar o público, sem encher de detalhes ou partir das premissas de que os espectadores já conhecem o objeto.

No caso dos filmes direcionados ao Batman, trabalharemos com oito produções: *Batman – o Filme* (1966); *Batman* (1989); *Batman: O Retorno* (1992); *Batman Eternamente* (1995); *Batman e Robin* (1997); *Batman Begins* (2005); *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (2008); *Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012).

Mais adiante, será feita uma análise do geral das obras e será apontado como elas se posicionam no contexto de questionamentos, e mesmo os exemplos mais cômicos terão sua devida participação nas discussões propostas.

Dito isso, acredito que possamos passar para a parte divertida.

Parte 2

Antes de realmente começar a responder algumas das perguntas propostas, é necessário nos situar em relação à criação e desenvolvimento do personagem dentro do *corpus*. De fato, ao percorrer esse caminho já é possível sanar alguns questionamentos primários, como a origem do Batman, conceitos estéticos que o levam a ser sombrio, fixação por tragédias, construção de Gotham, entre outros. E, mesmo que restem dúvidas, tais informações se tornaram a base sólida para as discussões que se seguirão. Começemos, pois.

O *Bat-man* de Bob Kane

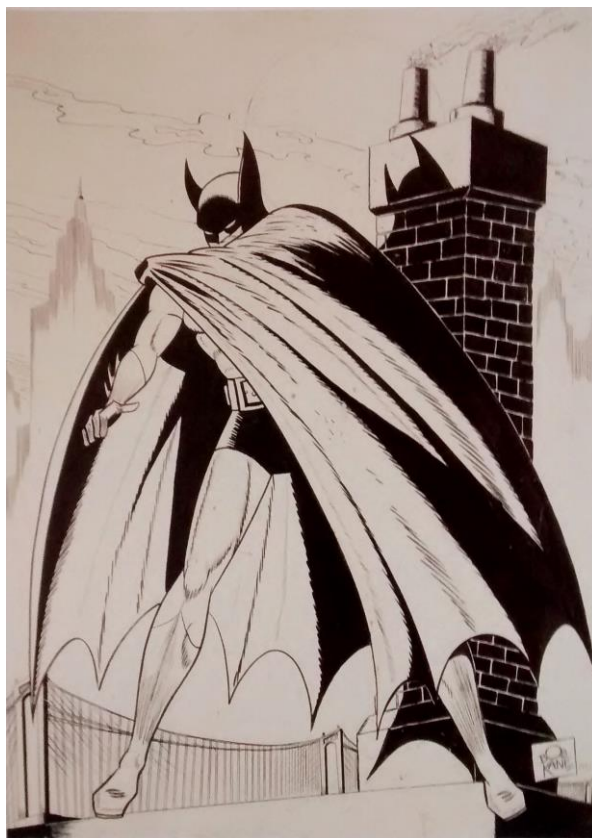
Robert Kahn, carinhosamente apelidado de Bob, nasceu em 24 de novembro de 1915, em Nova York. Aos 18 anos, mudou seu sobrenome para Kane, frente à promissora carreira como desenhista. Começou a trabalhar como arte-finalista em 1937 e, no ano seguinte, vendeu uma série de tirinhas de humor, dando início a trabalhos que o levariam a se tornar um dos colaboradores mais frequentes da revista *Detective Comics*⁸.

Em 1939, Bob Kane apresentou aos editores um novo herói, muito diferente do kryptoniano messias conhecido como Superman⁹. O novo personagem não tinha poderes, era sombrio e, mesmo se diferenciando do Homem de Aço, causou grande impacto ao ser lançado no mesmo ano. Entretanto, o Batman que conhecemos apenas começou a tomar a forma que tem hoje quando Bill Finger entrou na história. Ele sugeriu modificações na roupa e na configuração do personagem, como as orelhas pontudas, olhos brancos e outras características marcantes que o acompanharam durante esses 75 anos de trajetória.

Além de ter uma importância significativa na criação visual do herói, Finger também desenvolveu os roteiros das publicações do Homem Morcego por alguns anos, criando inimigos famosos, entre eles o famoso Coringa, e batizando a cidade de Gotham. Polêmicas à parte, Finger foi, também, responsável pelo herói que temos hoje, principalmente por suas histórias sombrias e vilões sádicos.

⁸ Editora de quadrinhos dos anos 40 que mais tarde se transformou na editora DC Comics.

⁹ Personagem criado por Joe Shuster e Jerry Siegel, em junho de 1938.



Batman – Bob Kane, 1940s

Como referência para a criação visual de seu Homem Morcego, Kane utilizou de um personagem já conhecido, que também adotava uma vestimenta escura, preservando sua identidade e buscando justiça para o povo:

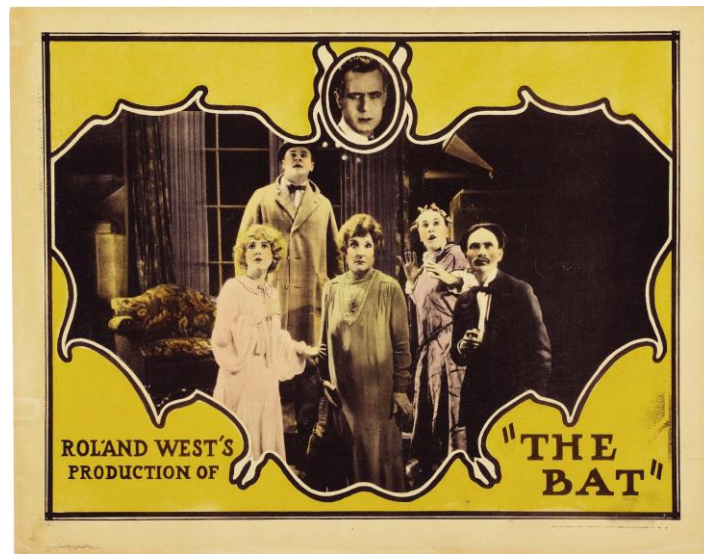
“Quando eu era criança, adorava filmes. Um dos meus favoritos era *A Marca do Zorro* (1920), com Douglas Fairbanks como as duas identidades do sr. Zorro. Durante o dia, tal qual Bruce Wayne, ele fingia ser o filho mimado de uma das mais ricas famílias do México. À noite, tornava-se um justiceiro. Ele se disfarçava vestindo uma máscara que circundava seus olhos. Saía de uma caverna debaixo da sua casa montando um cavalo negro, e essas foram as inspirações para a batcaverna e o batmóvel”

(KANE, 2014, p.19)¹⁰

Outra referência que compõe a formação do personagem é uma produção cinematográfica dos anos 1930, um filme preto e branco chamado *The Bat*, dirigido por Roland West. O enredo do filme se baseia na história de um famoso ladrão da região conhecido como, tradução livre, “o morcego”, um homem que se veste como animal e pretende assaltar a casa de uma rica

¹⁰ Coleção Super-heróis; DC Comics, 2014

senhora viúva, em busca de um quarto misterioso que esconde as riquezas do falecido marido.



Pôster do filme *The Bat* de 1926

Durante todo o filme podemos notar o suspense e, principalmente, a sutileza com a qual o personagem principal é apresentado, sempre aparecendo de surpresa; em alguns momentos, anunciado pela projeção luminosa de um morcego ou pela silhueta de sua própria sombra.



Aviso luminoso do "The Bat".



Silhueta do ladrão "The Bat"

Além da clara referência visual ao filme, Bob Kane utilizou outros elementos para compor o ambiente da vida de Wayne, fato visível na construção visual da Mansão Wayne, onde a sala ampla, móveis, chão e detalhes em madeira são uma clara referência ao filme. Outra grande referência na criação do personagem é o mordomo onisciente com ar tradicionalista, aficionado por polimento de prataria, que deu origem a um dos

personagens mais fiéis das histórias do Batman: o mordomo inglês Alfred Pennyworth.



Velha mansão do filme *"The Bat"*

Dentro da criação conceitual, o filme se tornou ainda mais importante, determinando que a imagem do morcego serviria como figura de medo e respeito diante dos inimigos.

“Eu me lembro de ter visto um filme por volta de 1926, chamado *The Bat*, em que o vilão usava um traje estilo Batman e que era bem incrível. Sendo que a principal diferença é que essa incrível fantasia no meu herói, proporcionaria medo e respeito em todos os vilões que ele encontra em suas tantas aventuras emocionantes.”

(KANE, 2013, p.140.)¹¹

Inicialmente, o Batman apresentava uma origem trágica e mantinha a posição insólita de herói-detetive, lutando contra vilões caricatos que buscavam dominar a cidade. Entretanto, tendo como ponto de vista a atualidade, as primeiras histórias do Homem Morcego não parecem tão aterrorizantes; inclusive, os jargões utilizados soam, hoje, como cômicos dizeres populares.

O herói acaba por voltar à origem do sombrio e da tragédia nas produções dos anos 1980, como veremos a seguir.

¹¹ Original: “I recalled seeing a movie around 1926 called *The Bat*, in which the villain wore a batlike costume was quite awesome. The main difference being that this awesome costume on my hero would throw fear and respect into all the villains that would encounter in his many exciting adventures.”

Batman: O Cavaleiro das Trevas, parte 1 e 2

Frank Miller é um famoso roteirista de quadrinhos, responsável por grandes marcos no universo das editoras *DC Comics* e *Dark Horse*. E, mesmo tendo iniciado a sua carreira como desenhista, foi escrevendo *Demolidor* (Marvel - 1979), definido como “uma HQ policial disfarçada de gibi de super-herói”, que aperfeiçoou suas habilidades narrativas.

Em 1986, Miller foi convidado a revitalizar as histórias do Batman, que andavam em baixa no mercado. O resultado foi uma história surpreendente, que trouxe de volta características originais do personagem, outrora evitadas sob a justificativa do excesso de violência, sem censurar nem mesmo o ambiente decaído em que ele se encontrava.

Na *Graphic Novel Batman: O Cavaleiro das Trevas (1989)*, percebemos a presença inusitada de um Batman velho, silenciado pelo governo que, agora, julga ser melhor expor todos os super-heróis e tirá-los de atividade. Entretanto, como bom filho de Gotham, Bruce não suporta ficar muito tempo parado, vendo sua cidade ser consumida pelo mal.



Mas o Batman era jovem. Se era vingança que procurava, ele encontrou. Faz quarenta anos que sua sombra nasceu... nasceu aqui.

Uma vez mais ele me trouxe de volta para mostrar como tudo mudou pouco. O mundo só está mais velho e sujo...¹²

¹² Batman: O Cavaleiro das Trevas – Parte 1, 1986. P. 17

É então que, em uma chuva de lembranças e pressão, Bruce não consegue mais negar os claros apelos do morcego. Ele veste novamente o manto de guerra, agora não para simplesmente defender os fracos e oprimidos, mas para limpar Gotham de todo o mal que a assolou pelos últimos dez anos.



Onde está a dor? Eu deveria ser uma massa de músculos exaustos e doloridos... fracos, desgastados, incapazes de se mover. Se eu fosse velho, com certeza estaria assim... mas hoje eu sou um homem de trinta anos... não, vinte. A chuva em meu peito é um batismo. Eu nasci outra vez.¹³

¹³ Idem - p. 38

Nessa produção, são feitas algumas críticas (não tão) veladas à mídia e à política, enquanto são travadas violentas lutas, inclusive a derradeira batalha contra o Coringa em um túnel do amor. O fato é que esse arco¹⁴ apresenta muito da essência inicial do personagem, voltando às raízes do sombrio, do cavaleiro devoto que busca justiça para os fracos. Utilizo-me, aqui, de outra frase, que surgiu em meio a discussões de aficionados por quadrinhos: “*Batman: O Cavaleiro das Trevas* não é uma história escrita por Frank Miller, é uma história escrita pelo próprio Batman.”.

Batman: Ano Um

Depois do sucesso de vendas (e de crítica) de *Batman Dark Knight (DK)*(1986), Miller foi novamente convocado pela DC Comics para roteirizar aventuras do Homem Morcego; porém dessa vez lhe foi incumbida a tarefa de dar origem ao ser extraordinário que havia criado. Foi então que nasceu uma série, de quatro volumes, intitulada *Batman: Ano Um* (1987).

A trama é bem direta: Bruce Wayne perdeu os pais em um assalto e mesmo tendo ficado fora do país por alguns anos, a lembrança de seus progenitores caídos em um beco nunca saiu de sua memória e ele quer justiça. Em contrapartida, Gotham ganha um item raro: um policial não corrupto, James Gordon, também conhecido como “Jim”, novato na sessão de homicídios e que logo se torna um dos mais fiéis aliados do Batman.

Todo o enredo é focado na construção da imagem e relação entre esses dois personagens que, mesmo com suas particularidades, contextos e fraquezas, compartilham da mesma motivação: limpar Gotham do mal.

¹⁴ Arco de histórias: narrativa contada continuamente. No caso dos quadrinhos, a história é dividida em partes que depois podem ser copiladas em edições especiais.



(...) Comeram a riqueza de Gotham... seu espírito.
O banquete acabou. De hoje em diante... nenhum de vocês estará a salvo.¹⁵



Batman. Ele tornou todos os criminosos de Gotham seus inimigos... bem como a maioria dos policiais.¹⁶

Adam West... Tim, Joel e Chris

As primeiras produções cinematográficas do Homem Morcego começaram depois da sua aparição em dois seriados de TV dos anos 40, Batman e Batman & Robin. Daí surgiu ao primeiro filme, *Batman – O Filme* (1966), estrelado pelo ator Adam West, portando uma linguagem cômica, tanto

¹⁵ Batman: Ano Um, 1987 – p 48.

¹⁶ Idem – p 62.

pela construção do personagem (um herói barrigudo e com sobrelhas marcadas por cima da máscara) quanto pelo enredo pouco convencional.



Cena de Batman – O Filme (1966)

Na obra de 1966, não percebemos um grande aprofundamento sobre a origem do herói. A história se atém às das primeiras publicações, seguindo até mesmo o formato da narrativa, na qual o personagem se destacava como detetive e grande cientista. No fim, o filme se apresenta como uma produção muito característica, exibindo Batman em toda sua essencial “Bob-Kaneana”.



Cena do Coringa electrocutando Pinguim e Charada. Batman – O Filme

Ainda há a imagem dos vilões que se colocam como seres malévolos com planos engenhosos para destruir ou dominar Gotham, dispondo de diversos artifícios para matar seus defensores. Entretanto, é na exposição de Bruce Wayne que está o diferencial cognitivo do filme. Ele é retratado como um indivíduo rico, mimado, quase um príncipe pedante. Muito despreocupado com o mundo enquanto lê (eternamente) seu jornal. Até que soe o alarme e então Wayne abra espaço para o verdadeiro cavaleiro da cidade.



Ator Adam West interpretando Bruce Wayne. Batman – O Filme

Mesmo adotando o ar cômico, Batman – O Filme realizou uma tarefa difícil: fez com que o personagem conquistasse o público, e que este aceitasse que um herói vestido de cinza e azul fosse tão incrível quanto o nacionalista alienígena de Krypton. Além disso, abriu alas para as grandes produções que se seguiram, as quais buscaram mostrar ao mundo quem realmente estava por trás da máscara.

Pulando 23 anos, nos deparamos com uma nova imagem do cavaleiro das trevas, produzida por Tim Burton, o que foi, claramente, um grande choque - tendo em vista as antigas produções. Burton, conhecido pela sua estética expressionista, não poupou escuridão na sua construção do morcego. Pelo contrário, ele apresentou o conceito de herói noturno em toda sua plenitude.



Cena do Batman recebendo o Batsinal – aviso de que a cidade precisa de sua ajuda.¹⁷

Outro aspecto importante dessa obra é a ambientação do personagem, a construção de Gotham, que até então havia sido enquadrada apenas como cenário geográfico. Agora, a cidade, começa a se caracterizar seguindo a linha dos quadrinhos, em especial os escritos por Frank Miller, onde a sujeira e becos escuros contrastam com prédios altos e luzes brancas.



Visual gótico adotado para caracterizar a cidade de Gotham¹⁸

Esse estudo não poderia deixar de comentar aquilo que fez de Burton um dos mais lembrados diretores da linhagem Batman: seus vilões. Antes do

¹⁷ Filme Batman de 1989, dirigido por Tim Burton.

¹⁸ Idem.

diretor, em 1966, houve a figura devassa e caricata dos archi-inimigos que faziam um “grupinho do mal contra o morcego”. Agora, porém, eles são tratados como adultos. Adultos frustrados, feridos pelo sistema, mal acolhidos pela sua cidade-origem, famintos por uma “vida melhor”, a ponto de enganar quem for preciso para consegui-la.

Um dos seus personagens mais icônicos é a Mulher-Gato, também conhecida como Selina Kyle, interpretada por Michelle Pfeiffer. Selina é uma das vítimas do sistema desigual de Gotham. Ela trabalha para um chefe grosseiro, machista e autoritário, que não a valoriza e a humilha sempre que tem oportunidade. Depois de ser assassinada por ele, ela retorna à vida, não procurando vingança, mas decidida a ter o melhor sem pedir permissão de ninguém.



Mulher-Gato, interpretada pela atriz Michelle Pfeiffer.¹⁹

Outro grande sucesso é Oswald Chesterfield Cobblepot, codinome Pinguim. Um vilão que inicialmente fora utilizado para representar a máfia nos enredos de crime e, mesmo sendo pintado com traços mais cômicos, demonstrava comportamento assassino. Já no filme de Tim Burton, o Pinguim, interpretado por Denny DeVito rouba a cena diversas vezes se trajando como o pobre menino abandonado pelos pais e que agora tenta reinar sobre a cidade para compensar seus anos de submundo.

¹⁹ Batman Returns, 1992.



Personagem Pinguim após lutar contra o Batman.²⁰

Há ainda o diretor Joel Schumacher. Responsável pela franquia de filmes *Batman Eternamente* (1995) e *Batman & Robin* (1997), o primeiro diretor a introduzir o personagem Robin e a Batgirl nos filmes e retornar com o ar cômico na construção dos vilões.

Os pontos mais marcantes de seus filmes, além do fator inexplicável do traje de luta do Batman com mamilos aparentes, é a direção de arte na composição de Gotham, que permanece com o visual de prédios altos e luzes pontuais, mas também dispõe de artifícios mitológicos espalhados pelas ruas. A exemplo há no meio da cidade uma imagem referente ao mito de Atlas, o titã que carrega o céu nas costas.



Estátua de Atlas segurando o observatório planetário de Gotham.²¹

²⁰ Idem.

²¹ Filme *Batman & Robin*, 1997.

A imagem de “crepúsculo dos deuses” que Gotham adquiriu nessa produção é muito reforçada por elementos dispostos em cenas pequenas e na movimentação sempre inclinada quando se trata de um panorama da cidade, transmitindo ainda mais forte a ideia de Olimpo²².



Cena do filme Batman & Robin, 1997.

Outra característica que vale a pena destacar na Gotham de Joel é a inserção da periferia e bicos “ruins”, locais que antes ficavam restritos à triste lembrança de Bruce, mas que agora servem como habitação de vilões e cenários de crimes pela cidade, dando à ela um aspecto socialmente mais realista. Esse tipo de ambiente do mundo do Homem Morcego só foi introduzido nos anos 80, em quadrinhos roteirizados por Frank Miller.



Periferia de Gotham.²³

²² Descrito, na mitologia grega, como a habitação dos deuses.

²³ Idem.

Chegando a produtos mais atuais, as obras do diretor Christopher Nolan (2005) se dispuseram a seguir o caminho dos arcos produzidos nos anos 80, porém com foco na completa reconstrução da imagem do Batman, sendo o primeiro filme voltado à sua origem e peregrinação. Não proponho que os outros filmes deixassem o tema em aberto, mas Nolan não se ateve a meias-explicações; ele buscou a fundo transmitir o tormento e sentimento de justiça que preenchem o herói, comunicando que o Batman não é apenas um riquinho mimado que sabe lutar, mas sim um guerreiro treinado, com mente e corpo capacitados. São nessas obras que voltamos a nos deparar com a visão de um herói sombrio, forte e, em certos níveis, violento.

A característica da origem ainda remete à perda dos pais. Entretanto, não vemos o salto temporal até a vida plena do herói. Nolan exhibe todo o treinamento e preparo pelo qual Bruce passou, depois de praticamente fugir de seu destino como herdeiro em Gotham.

Outro marco da origem do herói, que foi primeiramente mencionado na publicação de *Batman DK*, é apresentado aos telespectadores durante a produção de *Batman Begins* (2005): a queda de Bruce na caverna, onde ele tem o primeiro contato com morcegos e que, posteriormente, seria sua base de guerra.

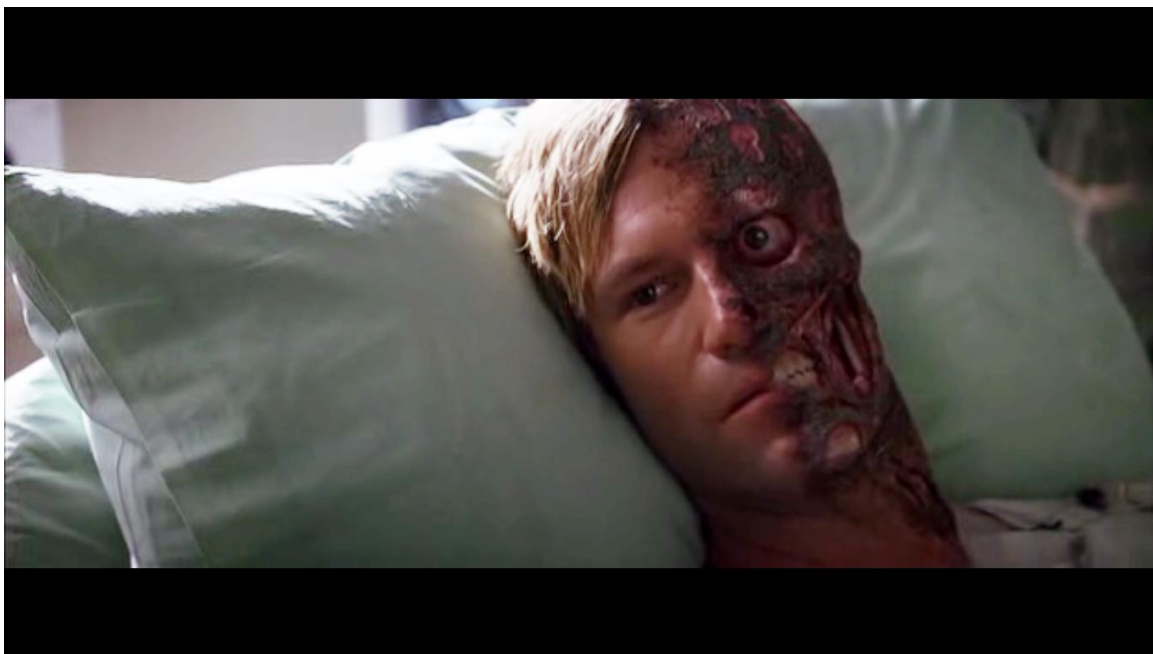


Cena da queda de Bruce na caverna²⁴

²⁴ Filme *Batman Begins*, 2005.

Durante o primeiro filme da franquia, também podemos observar como são estabelecidas as relações entre Bruce e as pessoas ao seu redor. Afirma-se que para ser um herói é necessário fazer sacrifícios, principalmente na vida pessoal.

Três anos depois, Christopher Nolan torna a se prender aos quadrinhos com o lançamento do longa *Batman: O Cavaleiro das Trevas (2008)*. Baseado na publicação homônima, o filme conta o início da épica rivalidade entre o Homem Morcego e seu archi-inimigo, o Coringa. O enredo ainda conta com a presença do personagem Harvey Dent, interpretado pelo ator Aaron Eckhart, um destemido promotor de justiça que tenta, de maneira corajosa, se livrar judicialmente dos piores criminosos de Gotham, quando, em meio ao conflito, perde sua namorada e tem seu rosto fica desfigurado. É nesse momento que sua índole é posta a prova e, tendendo à corrupção humana por vingança, Dent se torna o vilão conhecido como Duas Caras.



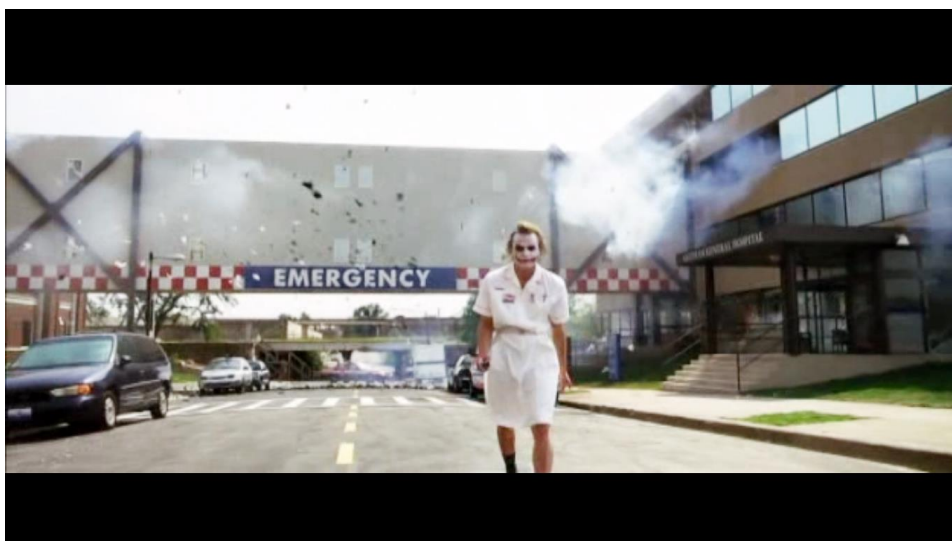
Harvey Dent, também conhecido como Duas Caras.²⁵

Durante o segundo filme da franquia, é visível o esforço de Batman para livrar Gotham do mal, em equipe com o comissário Jim Gordon, a ponto de abrir mão do seu próprio status de herói, adotando o espaço de guardião oculto - Cavaleiro das Trevas -, deixando-se ser caçado por aqueles que tenta proteger.

²⁵ Filme *Batman: O Cavaleiro das Trevas*, 2008.

Já, no terceiro filme (2012) nos encontramos em meio à guerra pelo domínio da cidade. O guardião que antes lutava por Gotham está apagado, como se a própria população o tivesse afastado. Apesar disso, como escrito na obra de Frank Miller (1986), o Sr. Wayne não conseguiu manter o espírito do Morcego longe e logo volta a trajar o manto negro, juntando forças para combater a nova força ameaçadora, a Liga das Sombras.

Uma ressalva: O segundo e o terceiro filmes dirigidos por Nolan nos dão a interpretação de que ele não só acolheu o conceito do Batman como guardião da cidade, mas, acima disso, o expandiu, pois, mesmo se tratando de um herói noturno, diversas cenas de violentos crimes se passam à luz do dia. Uma clara mensagem de que “também existe perigo quando as luzes estão acesas”.



Cena do Coringa explodindo um hospital de dia.²⁶

Passando por todas essas produções, podemos averiguar como a exibição do Batman tem se modificado durante os últimos 48 anos. E como itens que são acrescentados, direção de arte, trajes, personagens e a construção da cidade, formam muito do que compreendemos sobre a essência do herói. Esses itens também nos dão pistas para responder a todos os prévios questionamentos, inclusive fechar o pensamento que sustenta toda a mitologia de criação do Batman. A seguir, veremos algumas afirmativas que, mesmo constantemente ressaltadas, costumam passar despercebidas nas entrelinhas das produções tanto gráficas quanto audiovisuais.

²⁶ Idem.

Família Wayne, Morte Wayne.

O maior ponto de convergência na cronologia de histórias do Batman é a morte de seus pais. A ideia de uma criança presenciar a morte de seus familiares é tão forte agora quanto foi há 75 anos. Mas, diferente do que as pessoas possam inferir, a importância dos Sr. e Sra. Wayne é bem maior do que apenas preencher o coração de Bruce de uma fúnebre lembrança. Ambos são exemplos, a realeza, os bem feitores da cidade.

Nos quadrinhos, observamos a incrível devoção de Bruce pela busca de justiça por seus pais, o que reforça o laço amoroso que mantinha com eles. Entretanto, não se detinham apenas à paternidade, ambos tinham uma função social e política em Gotham. Thomas Wayne era homem respeitável, que abria mão de milhares de dólares em prol da cidade, construindo prédios, fabricando remédios e, até mesmo, pagando do próprio bolso um novo sistema de transporte público. Tudo para proporcionar o melhor à comunidade onde vivia. Ele era alguém a quem Bruce sempre admirara.

No filme de Nolan (2005) vemos como Thomas se configura como um homem de sabedoria e cuidado com o filho, sendo que ele próprio desceu no poço para buscar o menino e utilizou o acontecido para lhe ensinar a se levantar sempre que uma adversidade o abatesse.



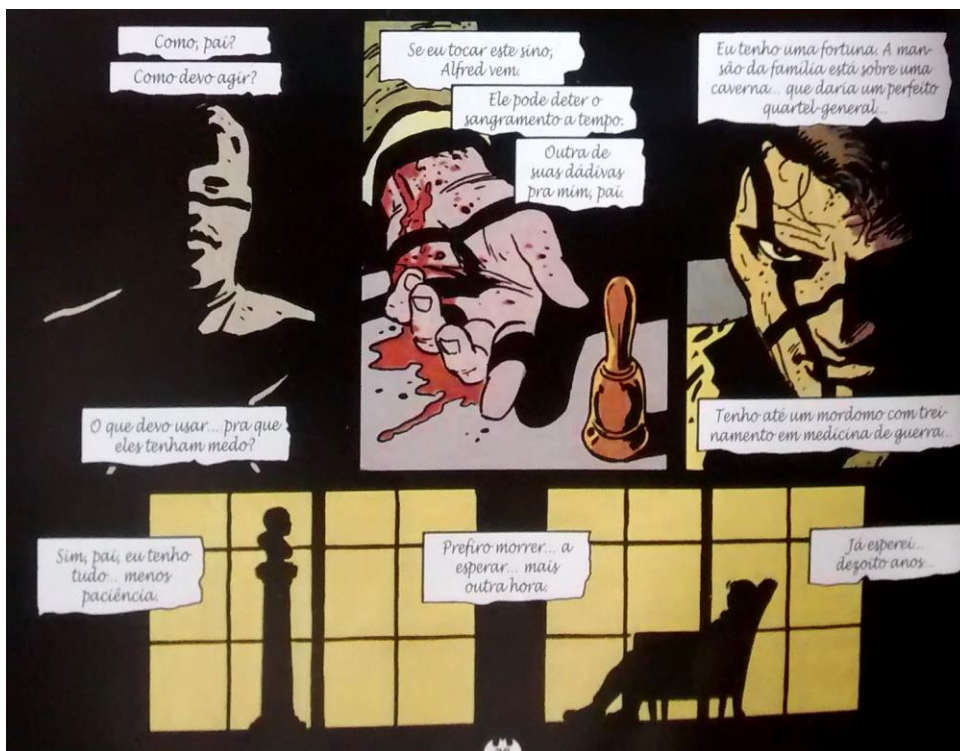
Thomas Wayne carregando Bruce e ensinando ao filho "Por que nós caímos?" – Para aprendermos a nos levantar.²⁷

²⁷ Batman Begins, 2005.

Outra questão pouco observada sobre a qual proponho um olhar mais atento é o fato de que o Sr. e Sra. Wayne foram mortos em um beco da periferia da cidade. Ou seja: as pessoas mais ricas de Gotham se desprenderam de usar o serviço particular do qual dispunham para andar pela cidade, em demonstração de que eles eram também cidadãos, algo como um incentivo altruísta à descentralização. Infelizmente, a resposta a tal postura foi o assassinato dos dois pelas mãos de um corriqueiro meliante das ruas.

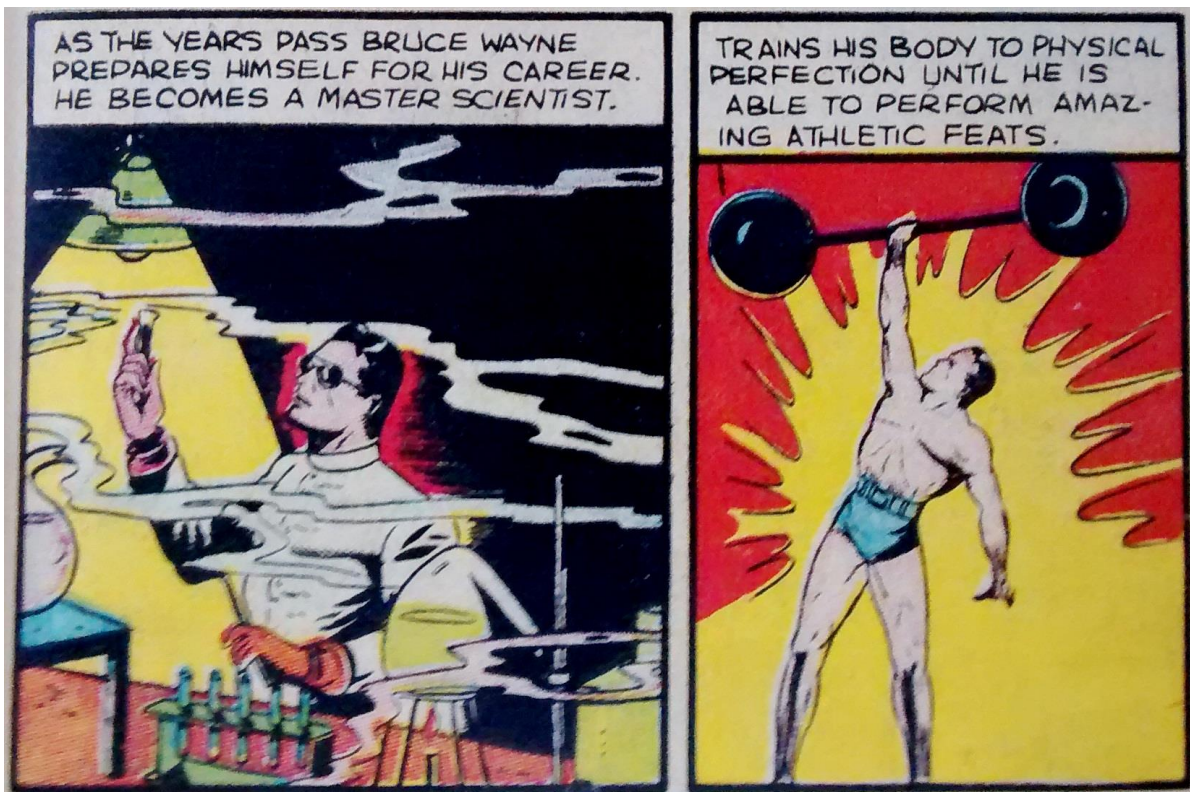
Entendam, não procuro ironizar a pesarosa situação, mas, sim expondo como, em essência, a família Wayne não se sustentava apenas na visibilidade financeira ou presença política; pelo contrário, eram pessoas que prezavam os valores e virtudes. Eles tinham verdadeiramente o pensamento comunitário e empenho altruísta pela comunidade em que viviam. Esses valores foram passados a Bruce pela lembrança primária de seus progenitores e continuaram existentes no Batman, pois ele também decide abrir mão do que lhe é valioso para fazer de Gotham um bom lugar.

Tal inferência fica ainda mais clara na sequência dos quadrinhos de Frank Miller (1987), quando presenciamos Bruce pedindo sabedoria ao busto do pai, como que em oração, procurando saber qual caminho tomar, em quem se tornar para salvar a cidade, tendo consciência de que a vida já lhe deu todos os recursos necessários para tal - recursos pertencentes à família Wayne.



Como, pai? Como devo agir? O que devo usar... para que eles tenham medo?
Se eu tocar este sino, Alfred vem. Ele pode deter o sangramento a tempo.
Outra de suas dádivas para mim, pai.
Eu tenho uma fortuna. A mansão da família está sobre uma caverna... que daria um perfeito quartel-general... tenho um mordomo com treinamento em medicina de guerra.
Sim, pai, eu tenho tudo... menos paciência. Prefiro morrer a esperar... mais outra hora. Já esperei dezoito anos...²⁸

Outro grande fato, explicado na obra de Nolan e ocultada pelos outros diretores, é a capacitação de combate de Bruce no tempo em que esteve fora de Gotham. Nos primeiros quadrinhos Bob Kane (1938) ressaltou que Bruce estudara ciências e mantinha a boa forma; todavia, foi em *Batman Begins* que pudemos ver todo o trajeto de preparação do herói, sendo suas habilidades parte fundamental para o combate ao crime.



Enquanto os anos passam Bruce Wayne prepara a si mesmo para sua carreira. Ele se torna um mestre da ciência. Ele treina seu corpo para o físico perfeito até que ele seja capaz de façanhas atléticas.²⁹

²⁸ Batman: Ano Um, 1987 – p 30.

²⁹ Detective Comics nº 33 – Bob Kane



Cena de treinamento de Bruce na Liga das Sombras.³⁰

Até o momento, Wayne se apoiara na lembrança emotiva dos progenitores para se determinar como guerreiro, mas o fundamental aqui e para todo o caminho que temos a percorrer é saber se Bruce tornou-se Batman por causa da morte dos pais. Para todos os efeitos que possam surgir a partir desse trabalho, a resposta é não.

I'm Batman

Para sanar de vez essa questão, gostaria ressaltar alguns fatores que, ao final do estudo, permitirão que se tenha a mesma linha de pensamento com a qual me deparei, justificando a negativa do questionamento anterior:

- Bruce Wayne é uma criança feliz, tem pais adoráveis, grandes símbolos da cidade;
- Bruce cai na caverna, onde habitam vários morcegos;
- Seus pais são tragicamente assassinados diante de seus olhos;
- Bruce decide promover justiça, ele treina para isso e escolhe como símbolo o Batman, Homem Morcego, utilizando os recursos providos pela família.

O padrão disponível aqui aponta para uma ruptura de humanidade quando ocorre a morte dos Wayne. Entretanto, o fator explícito em todo o

³⁰ Batman Begins, 2005.

caminho é a presença sublime do morcego. É o morcego, animal noturno, que encontra o menino no fundo da caverna, caminhando para ele, sibilando, habitando no interior da terra. É esse animal que agora servirá como símbolo de medo para seus inimigos.

Não só o morcego, mas também a queda na caverna se configuram como um momento chave na história do Batman. Ambos simbolizam o seu rito de passagem, sua ruptura com a sociedade e início da jornada que o tornará um herói.

Na mitologia, o herói é divino. Na poesia ele é unidade de sentimento e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação [para todos os fins]: a descoberta de si mesmo.

(FEIJÓ, 1984, p. 62.)

Como expressado por Feijó, as características do herói se apresentam no ato de descobrir a si mesmo, sendo que, para tal fim ele precisa ser “quebrado”, deixar tudo o que entendeu sobre seu “eu” e, somente então, se refazer, agora como herói:

De forma sintética, o percurso de aventura mitológica do herói reproduz os rituais de passagem, comuns nas sociedades primitivas, nas quais ocorre o padrão separação-iniciação-retorno.

Ou seja, o iniciado é isolado da vida cotidiana e passa por atividades ritualizadas antes de retornar ao seu universo conhecido. Nesse período, o herói está simbolicamente morto para o seu mundo. É, portanto, um intervalo pleno de potencial criador que permite a gestação de novas qualidades e a liberação de padrões obsoletos, o que faz com que ele regresse ao seu dia-a-dia renascido.

(MARTINEZ, 2008, p. 62.)

Dentro da história do Batman, essa passagem ocorre na queda da caverna. Ali é o momento que Bruce desce às profundezas da terra, interior de Gotham. Ele sai da vida que conhece (luz do dia; mansão; pais) e é jogado no vazio, a sete palmos do chão. Desprovido de qualquer arma ou bem, ele cai como verdadeiramente é: um humano vulnerável. É nesse momento que Bruce Wayne morre e também descobre a si mesmo.



Planando com graça milenar... ele não se afasta como seus outros irmãos, de olhos radiantes, intocados pela alegria ou tristeza... seu hálito é quente e tem sabor de inimigos vencidos... o odor de coisas mortas, coisas condenadas.

Com certeza ele é o mais feroz sobrevivente... o mais puro guerreiro... brilhando, odiando... tomando o meu ser.³¹

Na maioria dos casos, como no fim de um relacionamento, esta morte significa o abandono de porções obsoletas da personalidade – a morte de parte do ego -, que precisam se dissolver para abrir espaço para novos potenciais. Após cruzar esta fase de perigo máximo, no entanto, nada mais será o mesmo para a pessoa.

(Idem p. 94)

Como explicado acima, a queda não significa em si o aparecimento instantâneo do Batman, mas a construção do espírito que guiará Bruce a tomar todas as decisões e a superar todos os obstáculos para se tornar o guardião de Gotham, inclusive o de tomar seu medo como símbolo de luta.

“Mas, então, não existe mais Bruce Wayne?” seria a pergunta adequada ao momento. Sim, ele existe, mas apenas como um complemento social à vida do Batman, seu disfarce, uma personalidade menor, mais frágil e desarranjada do verdadeiro ser que existe agora. Exatamente como a imagem representada

³¹ Batman: O Cavaleiro das Trevas – Parte 1, 1986 - p 27.

pelo diretor Leslie H. Martinson em *Batman – O Filme* (1966), um simples homem rico que não tem outra função senão a de se assumir como realeza da Gotham, como classe detentora de títulos, imagem e poder, características essas passadas ao longo de sua linhagem até Bruce, seu último herdeiro.

E, das situações mais simples às mais dramáticas, como o desaparecimento do Batman em *O Cavaleiro das Trevas*, a imagem de Bruce Wayne ainda se sujeita ao ser primordial, guiado pelo senso de justiça e dever, quando este necessita.



Cena na qual Bruce se nega a dar continuidade à festa de aniversário para descobrir como salvar Rachel (Katie Holmes) de um veneno.³²

Tendo respondido aos primeiros questionamentos (morte de Bruce Wayne; relação com a supressão de seus pais; existência da jornada do herói), proponho seguirmos adiante, para reflexões segundas, que dão prosseguimento a toda essa jornada.

³² Batman Begins, 2005.

Parte 3

Gotham, “*The City*”.

Como já explanado anteriormente, quando um indivíduo se torna herói, ele recebe uma incumbência, um dever pelo qual lutará por toda vida. Exemplificando, os heróis gregos deveriam vencer guerras, passar por provações e matar monstros, salvando as pessoas da comunidade, pois foi para isso que foram chamados e capacitados.

Ao romper este envoltório egocêntrico, umas das tarefas centrais dos ritos das sociedades primitivas, o iniciado deixar de pensar apenas em si, passando a dedicar-se à sua sociedade como um todo.

(Idem p. 98)

Abaixo, iremos começar a entender mais sobre a missão do Batman e sua relação com a cidade que tanto quer proteger.

A cidade

Na história do Batman, seu maior objetivo é salvar Gotham. Uma cidade que, como tantas cidades reais, dispõe de uma organização linear, com prédios altos, mantendo ao centro os edifícios mais importantes. Entre eles, a Torre Wayne.



Imagem da Torre Wayne, centro de Gotham do filme Batman Begins, 2005.

Nas obras cinematográficas de Burton (1989) e Schumacher (1997), a cidade recebeu aspectos mais voltados para sua essência gótica, com prédios altos e pontiagudos, sempre escuros, contrastando com as luzes brancas vindo das janelas. Já nos filmes de Nolan, Gotham recebeu um formato urbano mais realista, ressaltando os aspectos de metrópole. Mesmo preenchida por prédios mais largos, manteve a periferia e becos escuros.

Outro fator geográfico de Gotham é a constatação de que ela fica situada em uma ilha. Durante o filme *Batman: O Cavaleiro das Trevas* (2008) e o arco de histórias *Batman – Terra de Ninguém* (2001), Gotham se encontra sitiada por todos os criminosos existentes. E, visando a controlar a situação, o governo americano decide bloquear os caminhos que levam à cidade, ou seja, as pontes e túneis de acesso. Dentro desse panorama, temos a imagem de Gotham muito próxima à cidade de Manhattan, Nova York. Apresento aqui a planta baixa da cidade, apresentando os túneis e pontes.

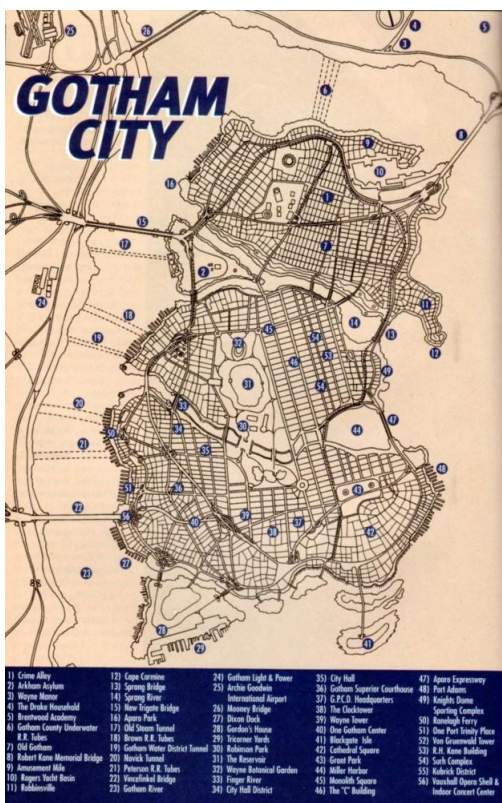


Foto de Manhattan feita pelo jornal *The Guardian* em 2009.

Mapa de Gotham.³³

Além da geografia, a administração da cidade deve ser levada em consideração, tendo em vista que Gotham possui governantes, que por

³³ *Batman – Terra de Ninguém* nº9, 2001 – p. 142.

diversas vezes, são agentes contrário ao desenvolvimento social, corrompidos pelos interesses de mafiosos. Não só os governantes, mas todo o sistema policial e judiciário da cidade está afetado. O que torna James Gordon e Harvey Dent – este último, antes de sua transformação - os mais destoantes personagens no cenário judicial das histórias do Batman.

Mas a corrupção não se detém apenas à burocracia. É primordial se fazer uma análise da situação de Gotham, onde, pela manhã, à luz do dia, tudo parece calmo, como em qualquer cidade, porém, durante à noite, todos os males acontecem, porque é exatamente nesse horário que estamos mais vulneráveis. Esse é um dos motivos pelos quais o Batman é tão comumente representado como herói noturno. Poucas vezes vemos situações de assalto ou crime à luz do dia, pois tudo está mais claro e perceptível. Nós nos sentimos seguros porque conseguimos enxergar melhor.

A entidade

Uma das características que deveriam ser mais observadas na narrativa das histórias do Batman é como substantivos nomes, como *morcego* e *Gotham*, ganham peso nos diálogos. Os personagens não se referem a eles apenas como palavras corriqueiras; os significados marcados por tais significantes transmitem uma ideia sólida, de personalidade. No caso d'O Cavaleiro das Trevas (1986), o morcego se tornou parte do ser, é simbolicamente o novo “eu” que habita dentro do corpo de Bruce e representa o espírito do Batman. Em contrapartida, o mesmo caso aplicado à Gotham nos transmite uma presença maior, pois não se limitaria à estatura humana, e passa a representar toda “The City”³⁴.

Esse tipo de personificação é muito visível quando nos referimos a cidades como Paris e Nova York, cujas imagens transcendem o geográfico e se tornam entidade, um ser participante, consciente. Essas cidades não se definem pelo país em que se encontram ou puramente por suas características elas são em si um centro individual de existência e expectativa, acrescentando valores a cidadãos nascidos em seus territórios.

³⁴ O termo utilizado em inglês tem como objetivo suprir a falta no português de um artigo neutro. Necessário enfatizar que por ser uma localização, uma cidade; não há com identifica-la como portadora de gênero.

Esses lugares têm pelo menos três características comuns. Eles se pretendem identitários, relacionais e históricos. O projeto da casa, as regras das residências, os guardiões da aldeia, os altares, as praças públicas, o recorte das terras correspondem para cada um a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social. Nascer é nascer num lugar, ser designado à residência. Nesse sentido, o lugar de nascimento é constitutivo da identidade individual [...]

(AUGÉ, 2007, p. 52.)

No universo do Batman, é possível ver essa forte relação de influência entre a cidade e seu herói, sendo que, desde o início, a família Wayne se devota a manter limpo e saudável o organismo da cidade. Tais valores são passados para Bruce e se mantêm nas suas motivações de combate ao crime. O Batman não sacrifica a si mesmo para salvar uma vítima ou resgatar frutos de um assalto tendo nessa ação o fim em si, ele batalha para vingar Gotham do mal que a infesta.

A cidade se configura como um corpo acometido de uma doença degenerativa provocada pelos seus, alastrada pela corrupção; sua alma foi consumida pelo mal existente nos habitantes. E, como ressaltado anteriormente nas palavras de Marc Augé (2001), o nascimento de pessoas em um local como Gotham influencia a sua identidade pessoal. Ou seja: se a terra está corrompida, nada nascerá da cidade a não ser seus próprios vilões. Então, como poderia ela encontrar uma cura, um herói que a salvasse?

O deus, o morcego e o chamado

Gotham é uma cidade urbana. Entretanto, foi na sua periferia que os pais de Bruce, seus benfeitores, foram mortos. Seus policiais e governo são corrompidos, seus cidadãos sofrem crimes violentos. Ainda ela é o alvo de ataque dos vilões, pois os fabrica, os dá à luz. Nada mais a assola, além de terror e medo, definido por Jean Delumeau (2009) como:

No sentido estivo e estreito do termo, o medo (individual), é uma emoção-choque, frequentemente precedida de surpresa, provocada pela tomada de consciência de um perigo presente e urgente que ameaça, cremos nós, nossa conservação.

(DELUMEAU, 2009, pg. 30.)



Cena de Batman: O Cavaleiro das Trevas (2012), na qual a Liga das Sombras decide destruir Gotham por sua condição decaída.

Gotham necessita de uma salvação, algo que combata de maneira párea o medo e a escuridão e seja incorruptível. Ela precisa [assim como um deus grego] de um herói, para designar-lhe a missão de salvá-la. É agora que devemos nos atentar às pistas deixadas pela história trágica de Bruce Wayne. São esses fragmentos que nos mostraram a essência de seu universo, de sua criação.

Como vimos, Bruce caiu na caverna, e sua queda simbolizou a morte do *eu próprio*; mas, dentro da terra, no interior de Gotham, ele se encontra com o espírito do morcego, voltando à superfície já constituído como Batman. Ou seja: a queda não só significou a morte, mas a criação, o nascimento do Batman. Naquele momento, assim como os deuses mitológicos, Gotham se posiciona como deusa-mãe, gerando o espírito do seu herói, seu semideus, seu filho.



Cena de *Batman Begins*, 2005.

Sendo assim, Gotham não se configura apenas como cidade; sua entidade transcende. O local se torna a matriz do destino do universo do Batman, uma deusa capaz de gerar, de dar origem àquilo que precisa para ser salva, sem medir esforços para tal.

A deusa universal se manifesta diante dos homens sob uma multiplicidade de aspectos; pois são múltiplos os efeitos da criação, bem como complexos e mutuamente contraditórios, quando experimentados do ponto de vista criado. A mãe da vida é ao mesmo tempo, mãe da morte; [...].

(CAMPBELL, 1997, p. 295.)

Mas por quê Bruce Wayne, quando Harvey Dent é claramente apresentado como seu contemporâneo? Ou ainda, por que não Jim Gordon, que era jovem quando Wayne não passava de uma criança? Havia outros tantos que ela poderia escolher.

Levando em consideração os problemas que Gotham enfrentava, ela não poderia dispor de uma pessoa qualquer, simples fruto dela, que já estaria, por essência, corrompida. Entretanto, a família Wayne, durante gerações, se manteve justa e devota, dispondo de grandes recursos financeiros, virtudes louváveis e precioso reconhecimento por parte dos habitantes - lembre-se, eles eram realeza. De onde mais sairia o **Cavaleiro** das Trevas, se não da nobreza?

Tudo o que a cidade precisava era de que seus pais fixassem os valores escolhidos, montassem sua personalidade exemplar com pensamentos que o guiasse por toda vida. Era necessário um exemplo forte e imaculado, pois um deus não cria sentimentos ou desejos, ele transforma situações para que as virtudes imprescindíveis apareçam.

Paradoxo é que a Jornada do Herói deixa aflorar atributos que já estavam presentes na pessoa, ainda que ela própria desconhecesse ser portadora deles – como uma grande árvore que dorme na semente.

(MARTINEZ, 2008, p. 111.)

Então, para dar continuidade à jornada de seu herói, Gotham precisava da ruptura humana, que faria com que Bruce desse passagem ao espírito de guerreiro que lhe seria indispensável. A queda na caverna foi tanto a sua gênese, quanto seu rito de batismo³⁵. Agora, o deus apenas necessitava de um ponto de pressão, de algo que não somente motivasse o Batman a lutar mas, acima disso, que apresentasse a ele sua missão. Ele precisava conhecer o medo, para que, o conhecendo, correspondesse à altura e em mesma natureza. E é assim que Gotham exhibe a missão do Batman, matando os pais do Bruce Wayne.



Morte de Martha e Thomas Wayne³⁶

³⁵ No cristianismo, o Batismo é um sacramento que representa renascimento, advindo da aceitação da fé.

³⁶ Batman: Ano Um, 1987 – p 31.

Os criminosos pouco têm a perder, a polícia decadente da cidade já não os impedem. Gotham sabe disso. Ela vive tal realidade a todos os momentos e sua existência se conscientiza de que ela precisa de algo maior, que ameace a confiança dos malfeitores na justiça falha e os coloque em posição submissa: ela precisa de um símbolo de medo.



Como, pai? Como devo agir?
O que devo usar... para que eles tenham
medo?³⁷

É dentro desse pensamento que nos deparamos com premissas não antes questionadas. Qual o motivo do Batman ser noturno? A resposta é que é durante a noite que Gotham é feita refém, quando seus cidadãos estão vulneráveis, espreitados pelo mal, quando seu corpo, em entidade, é afligido pelo medo. Ela precisa que a escuridão e o medo se tornem seus aliados na busca pela cura, confrontando o mal sem arrefecer.

³⁷ Batman: Ano Um, 1987 – p. 30.



Morcegos me assustam.
É hora dos meus inimigos partilharem desse pavor.³⁸

Mesmo chegando ao objetivo de formar o Batman - matando seus pais, possibilitando que ele passe por um grande e penoso treinamento, fornecendo os recursos necessários para manter suas armas -, Gotham ainda precisa afirmá-lo como herói, dar-lhe um símbolo que seja usado como referência ao medo e justiça. Aqui, a cena do morcego, sempre caminhando para ele torna – se o grito final para a criação do Batman.



Batman: Ano Um³⁹

³⁸ Batman Begins, 2005.

³⁹ Batman: Ano Um, 1987 – p. 32.

Mesmo tendo, agora, seu salvador, Gotham se vê refém de um novo criminoso a cada dia, tornando eterno o seu vínculo com o Homem Morcego. E ainda que em situações muito desfavoráveis, como a queda do morcego na luta contra Bane⁴⁰, seu retorno é necessário, já que nenhuma das tentativas de sucessão (Jean-Paul Valley, codinome Azrael⁴¹, e Dick Grayson⁴², como Robin e Asa Noturna) deram certo, pois ninguém conseguia se manter sob o manto do Morcego por muito tempo.

No final, todos os fatos apontam para a conclusão de que, acima da predestinação, o chamado foi específico e individual para Bruce Wayne. E ele, mesmo com a ajuda de parceiros-mirins e outros aliados, sabendo do pesado fardo a carregar, não recusa a posição e figura de confiança centrais que lhe foram incumbidas. A cidade, por sua vez, também cumpre a sua função de deus sobre o Batman, afirmando a necessidade de que haja um herói, que ganha vida a cada nova vitória, comprovando a frase mais manjada de todas: Gotham precisa de um Batman.

⁴⁰ Arco "A Queda do Morcego" de 114 edições, lançadas no Brasil em 1993 pela editora Abril.

⁴¹ Primeira aparição em: *Batman: A Espada de Azrael* #1 (Outubro de 1992). Recebe e aceita a oferta de se tornar o Batman na publicação *A Queda do Morcego* #36 (fevereiro de 1994), sendo destituído do cargo por ser muito violento.

⁴² Personagem criado por Bob Kane em 1940 e apresentado como Robin na edição *Detective Comics* #38. Dick só é introduzido como Asa Noturna em 1984 na publicação *Contos de Um Novo Jovem Titã* #44. Ele luta contra Jean-Paul pelo manto do Morcego em *Batman: A Batalha pela Coroa* #3 (maio de 2009).

Batman, enfim

Ter estudado o Batman dentro do imaginário mitológico me possibilitou entender mais sobre a criação dos heróis modernos, sejam eles de quadrinhos ou produtos de filme e seriados de televisão. Acredito que ainda exista muito a ser questionado sobre o Homem Morcego. Somente a reflexão acerca da relação com Alfred Pennyworth ou James Gordon, ou até mesmo seu conflito com os temidos vilões despenderiam meses de trabalho, não necessariamente desgostosos, já que é difícil se aborrecer cercado de aventuras.

Talvez seja essa a característica mais fascinante sobre heróis: como eles são criados para a aventura, para o extraordinário. Tudo concernente a eles é solo fértil para criação e conjecturas; até mesmo suas motivações e recusas, vitórias e quedas.

No geral, esse trabalho apresentou-se como um grande arcabouço de “Quem é o Batman?”, preenchido de “frases que sempre ouvi, e sobre as quais nunca refleti” (até agora). Talvez porque eu realmente não tenha parado para ver que inconscientemente, já sabia das respostas, apenas não havia deixado a “ficha cair”.

Eu havia prometido uma linha simples de raciocínio para chegar à resposta final. Entretanto, esse caminho se torna mais rápido e divertido quando percebemos que a relação mitológica entre deuses e seus heróis não é um universo tão distante da nossa própria cognição. Esta analogia está presente dentro das nossas referências mediáticas, inclusive sustentadas pela nossa cultura de crenças. Sendo assim, ter em mente que um herói de quadrinhos pode ser predestinado, divinamente escolhido, não parece tão banal; é apenas uma extensão do nosso próprio conhecimento de fé, um espelho da criação do imaginário social.

Enfim, dentro da nossa própria limitação humana à aventura, desejo que todos tenham, pelo menos uma vez, a capacidade de se admirarem de heróis, seres que nunca poderão nos ouvir ou habitar nosso mundo, mas que, quem sabe, façam surgir diversas perguntas, o que torna a vida bem mais bat-legal.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares, Introdução A Uma Antropologia de Supermodernidade*, 2 ed., São Paulo. Editora Papirus, 2001.

BACZKO, Bronislaw. "A *Imaginação Social*" In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa NAcional/Casa da Moeda, 1985.

CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*, 10 ed.. São Paulo. Editora Pensamento LTDA, 1997.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo do Ocidente*. São Paulo. Editora Companhia de Bolso, 2009.

EISNER, Will. *Arte Sequencial*. São Paulo, Editoria Martins Fontes, 1989.

FEIJÓ, Martins C. *O que é o herói*. São Paulo, Coleção Primeiros Passos, 1984.

LEVITZ, Paul. *The Golden Age of DC Comics*. Los Angeles, Editora DC Comics Publication, 2013.

MARTINEZ, Monica. *Jornada do Herói, A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo*. São Paulo, Editora ANNABLUME, 2008.

REVISTA MUNDO ESTRANHO DOS SUPER HERÓIS nº43, São Paulo: Editora Europa, maio de 2013.

Referência de Quadrinhos

BATMAN: ANO UM, 4 ed. São Paulo: Editora Panini Books, 2013.

BATMAN-GOTHAM NOIR, São Paulo: Editora Mythos, 2001.

BATMAN: O CAVALEIRO DAS TREVAS, 2 ed. São Paulo: Editora Panini Books, 2011.

BATMAN – TERRA DE NINGUÉM, nº 9, São Paulo: Editora Abril, Super-Heróis Premiun, 2001.

Filmografia

BURTON, Tim. *Batman*. [Filme-video]. Produção de Peter Guber, Jon Peters, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Tim Burton. Warne Bros, 1989, Cor 126 min.

BURTON, Tim. Batman Returns. [Filme-video]. Produção de Peter Guber, Denise Di Novi, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Tim Burton. Warne Bros, 1989, Cor 126 min.

BURTON, Tim. Batman Returns. [Filme-video]. Produção de Peter Guber, Denise Di Novi, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Tim Burton. Warne Bros, 1992, Cor 126 min.

MARTINSON, Leslie H. Batman – O Filme. [Filme-video]. Direção Leslie H. Martinson. 1966, Cor 105 min.

NOLAN, Christopher. Batman Begins. [Filme-video]. Produção de Emma Thomas, Larry J. Franco e Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, DC Comics, 2005. Cor, 140 min.

NOLAN, Christopher. Batman: O Cavaleiro das Trevas. [Filme-video]. Produção de Emma Thomas, Christopher Nolan e Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, DC Comics, 2008. Cor, 152 min.

NOLAN, Christopher. Batman: O Cavaleiro das Trevas Ressurge. [Filme-video]. Produção de Emma Thomas, Christopher Nolan e Charles Roven, direção de Christopher Nolan. Los Angeles, DC Comics, 2012. Cor, 165 min.

SCHUMACHER, Joel. Batman Eternamente [Filme-video]. Produção de Tim Burton, Peter MacGregor-Scott, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Joel Schumacher. Warne Bros e Tim Burton Produções, 1995, Cor 121 min.

SCHUMACHER, Joel. Batman & Robin [Filme-video]. Produção de Peter MacGregor-Scott, Benjamin Melniker, Michel Uslan, direção por Joel Schumacher. Warne Bros, 1997, Cor 151 min.

WEST, Roland. The Bat [Filme-video]. Produção e direção por Rolan West. United Artist, 1926, Preto e Branco, som mudo, 85 min.

Bibliografia consultada

ELIADE, Mircea. Mito e Realidade. São Paulo. Editora Perspectiva, 1972.

MAFFESOLI, Michel. A Parte do Diabo, Resumo da Subversão Pós-Moderna, São Paulo. Editora Record, 2004.

OLIVEIRA, Selma Regina N. Mulher ao Quadrado. Brasília, Editora FINATEC/UnB, 2007.

RANK, Otto. The Myth of The Birth of Hero, A Psychological Interpretation of Mythology. New York, The Journal of Nervous and Mental Disease Publishing Company, 1914.